

ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM RELATO DA EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO¹Edeilson Matias de Azevedo²

É a convivência amorosa com seus alunos e na postura curiosa e aberta que assume e, ao mesmo tempo, provoca-os a se assumirem enquanto sujeitos sócios-históricos-culturais do ato de conhecer, é que ele pode falar do respeito à dignidade e autonomia do educando.

Edina Castro de Oliveira

RESUMO: Neste relato, apresento algumas reflexões acerca da minha experiência como alfabetizador de jovens e adultos no PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO. Constatam-se minhas angústias ante os obstáculos que foram surgindo ao longo do processo de alfabetização; o prazer de possibilitar a adultos a inserção no “mundo” da escrita; a boniteza de ver em olhos marejados de felicidade o contentamento ao conseguirem ler e escrever as primeiras palavras; o afeto entre alfabetizador e alfabetizandos; a responsabilidade de realizar uma alfabetização que transcendesse a escrita e a leitura. Todos esses aspectos nortearam minha prática político-pedagógica durante o período da alfabetização. O resultado foi ter vivenciado novas experiências e ter possibilitado, como “mediador”, que homens e mulheres iniciassem o processo de leitura e escrita.

Nosso primeiro encontro foi no dia 12 de novembro de 2003, numa sala do Centro Comunitário Dom Estevão Avelar, no Bairro Seringueiras, onde a alfabetização foi desenvolvida. Nesse dia foram apresentados o PROGRAMA BRASIL ALFABETIZADO, os objetivos pretendidos por esse programa e os passos que iríamos – alfabetizador e alfabetizandos – percorrer. Essas foram as primeiras palavras para um pequeno grupo de homens e mulheres ainda desconfiados em relação ao que eles temiam que acontecesse: a interrupção do processo de alfabetização, pois alguns deles já haviam participado, nesse mesmo local, de uma turma cuja continuidade não foi possível. Contaram que a mudança de professores – é assim que eles nos reconhecem – e a desistência de colegas de turma interromperam mais um sonho na vida dessas pessoas.

A partir desse momento, tinha assumido uma grande responsabilidade: estimular, primeiramente, a superação da baixa auto-estima que os olhares e a fala dos alfabetizandos transmitiam - sua fala era permeada por um sentimento imobilizador que criava obstáculos para a realização do desejo que todos ali presentes demonstravam; muitos diziam “que não custava nada tentar, mais que cabeça de velho era dura”. A baixa auto-estima era evidente em muitos deles.

De imediato, pensei que a recuperação da auto-estima deixada nos caminhos da vida, constituir-se-ia, como de fato experienciei, num grande obstáculo, porém, de maneira alguma intransponível. A partir desse primeiro encontro, educador e educandos constituíram-se um coletivo. Aliás, foi importante para o processo de alfabetização enfatizar a turma como um corpo coletivo, demonstrando que cada alfabetizando poderia contribuir para que todos realizassem o sonho de ler e escrever. Ao passo que uns fossem se adiantando no decorrer do processo, poderiam ser solidários com o seu companheiro de sala.

O processo de alfabetização foi permeado por momentos nos quais eu fazia questão de mostrar aos alfabetizandos a capacidade intelectual de cada um. Nomeadamente, ressaltava os

¹ Este relato foi escrito a partir da experiência como alfabetizador de jovens e adultos no Bairro Seringueiras do Programa Brasil Alfabetizado – turma BA-69.

² Mestrando em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia.

avanços conseguidos pelos colegas no que concerne ao reconhecimento dos sons silábicos e na formação de palavras, bem como na leitura de frases por eles mesmos produzidas. Foram muitas as angústias que me acompanharam durante os meses de alfabetização. Esforcei-me, de maneira bastante entusiasmada, para mostrar aos alfabetizandos a importância do ato de ler e escrever. Nos primeiros dias, percebi que o entusiasmo era um sentimento que não poderia faltar nos nossos encontros.

De início, a alfabetização pareceu-me uma tarefa difícil, porém prazerosa. O que me fez profundamente comprometido em possibilitar àquelas pessoas o domínio da escrita e da leitura foi os depoimentos, que delas surgiram, espontaneamente, no dia do nosso primeiro encontro. Percebi claramente, por meio das palavras e das expressões de cada alfabetizando, que a educação formal fora a elas negada. De homens, ouvi que o pai não os colocou na escola porque necessitava da sua mão-de-obra para o trabalho da lavoura.³ Mulheres disseram-me que o pai não lhes havia permitido o domínio da escrita e da leitura porque iriam escrever bilhetes aos namorados. Uma alfabetizanda apresentou - num conciso relato que me emocionou bastante - a razão pela qual não lhe foi permitido estudar: “Um dia, uma professora chegou para papai e falou: — Eu vim aqui na sua casa para pedir que o senhor deixasse suas filhas estudarem. Ele respondeu: — Quando o estudo colocar feijão na panela para encher a barriga e matar a fome, eu boto todas elas na escola”. Essa é uma alfabetizanda que, a cada descoberta, seja de um som silábico ou a escrita graficamente correta de uma palavra, vibrava de alegria. Eu também sentia-me muito feliz, e não escondia para os alfabetizandos o meu contentamento.

Nessa experiência, vivenciei a importância da afetuosidade que nasce da relação entre educandos e educador durante o processo de alfabetização. Sem afeto pelos alfabetizandos, não poderia me sentir seguro da eficácia do que ensinava. Minha eficiência como educador se fundamenta na minha responsabilidade de conduzir o processo de alfabetização com amor, prazer, felicidade e afeto; e isso deve ser demonstrado por meio de atitudes.

Todas as vezes que finalizava a aula, fazia questão de ressaltar o prazer de ter compartilhado com os alfabetizandos alguns saberes. Assim, sentia-me permeado de grande satisfação. Ainda mais porque tinha a certeza da felicidade e da *esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria* (FREIRE, 2002, p.80).

Na primeira aula, após nosso encontro inicial, destaquei que todos tinham saberes acumulados, e que haveria uma troca de experiências, como de fato aconteceu. Destaquei também que a leitura do mundo era de domínio de cada um que ali estava. Nenhum dos homens ou mulheres poderia se considerar “analfabeto” por completo.

Em momento algum me pus diante deles como o portador da sabedoria e da luz que os iluminaria no aprendizado da leitura e da escrita. Repetidas vezes deixei claro que eles tinham o conhecimento do mundo, bastando que se esforçassem para exercitar a escrita. Fiz isso com muito respeito, pois estive imbuído do sentimento de que *temos de respeitar os níveis de compreensão que os educandos - não importa quem sejam - estão tendo de sua própria realidade* (FREIRE, 1982, p.31). A relação respeitosa que foi construída entre educandos e educador foi um pressuposto que garantiu um caminhar seguro.

Respeito pelo saber dos educandos foi uma condição necessária na minha experiência de alfabetizador. No decorrer das aulas, fui rigoroso comigo mesmo em não demonstrar nenhuma forma de desconsideração pelo conhecimento de mundo dos educandos. Isso porque considero que o *meu respeito de professor à pessoa do educando, à sua curiosidade, à sua timidez, que não devo agravar com procedimentos inibidores, exige de mim o cultivo da humildade*

³ Muitos alfabetizandos da turma moraram na zona rural, cuja mão-de-obra, seja do sexo masculino ou do feminino, era importante, segundo os próprios alfabetizandos, para a sobrevivência da família. Por essa razão, os pais privilegiaram o trabalho na lavoura.

e da tolerância (FREIRE, 2002, p. 74).

Essa curta experiência de alfabetizar adultos mostrou-me o quanto é importante respeitar a timidez e a vergonha de pessoas, às quais foi negado o direito da educação formal. São mulheres e homens que ainda entendem esse direito como um favor do governo. Como alfabetizador preocupado em não apenas possibilitar-lhes a leitura das palavras e o domínio da escrita, minha postura foi de reafirmar, sempre que oportuno, o meu dever e a minha obrigação, pois estava sendo remunerado para realizar a alfabetização. Também deixei claro que cabe aos prefeitos, governadores e presidente da república a responsabilidade de oferecer uma educação formal de qualidade, não importa se alfabetização, ensino fundamental e médio.

Em momento algum coloquei-me diante dos alfabetizandos como alguém que estava ali apenas para “ensiná-los”. Ressaltei, em vários momentos, que a partir do primeiro dia de aula o aprendizado dar-se-ia de maneira coletiva. Um dos meus maiores receios era que o fato de que alguns alfabetizandos fossem se adiantando no processo pudessem inibir, de certa maneira, os demais. Correlata a essa apreensão, era a preocupação de que esses demais se sentissem inibidos e abandonassem a alfabetização. Minha atitude, para que isso não acontecesse, foi elaborar atividades em conjunto e outras que atendessem especificamente aos dois grupos de alfabetizandos: os que já conseguiam escrever e ler, ainda que de forma bastante lenta; e os que ainda estavam reconhecendo os sons silábicos para a formação de palavras.

Friso que, em nenhum momento, agi, por palavras ou atitudes, de forma a separar a turma entre o grupo mais adiantado e o mais “atrasado”. Quando chegou o momento em que a heterogeneidade da turma era mais do que evidente, pensei que um dos procedimentos a ser adotado era elaborar atividades que atendessem às especificidades de cada educando. Nessa ocasião, sugeri à turma a necessidade de realizar atividades diferenciadas para que alguns educandos pudessem superar as dificuldades que os demais alfabetizandos já tinham ultrapassado.

Na tentativa de atender essas duas situações, elaborei atividades diferentes. Para os alfabetizandos que já conseguiam escrever, expunha em uma mesa diversas imagens de produtos que são encontrados em supermercados – extrato de tomate, leite, bolo, carne, bolacha, cadeira, chinelo, refrigerante, margarina, feijão, arroz, caderno, dentre outros. Pedi que escolhessem as imagens que lhes agradassem e as colassem em papel sulfite formando frases com os nomes dos produtos. Com os demais alfabetizandos, coloquei várias palavras na nossa *caixa de palavras*: soldado, escola, esposo, lua, sol, casa, teto, tijolo, bairro, açougue, calçada, poste, teto, igreja, árvore, coletivo (transporte), cidade e muitas outras que pertenciam ao vocabulário deles.

Essa *caixa de palavras* circulava entre eles de modo que cada um retirasse uma palavra qualquer tentando lê-la. Foi trabalhado cada som silábico. A partir de cada sílaba, eu pedia para que me ajudassem a escrever outras palavras que começassem com os sons silábicos já trabalhados. Por exemplo, a palavra *esposo*. Após trabalhar essa palavra, pedi para que escrevessem a palavra *esposa*, insistindo nas semelhanças entre elas e os sons silábicos utilizados para formá-las. Nessa aula, a atenção foi canalizada para esses alfabetizandos; em relação àqueles que formavam as frases, decidi, em acordo com eles, que, no dia seguinte, deveriam escrever suas frases no quadro para, coletivamente, observarmos e corrigirmos as falhas – “erros” – cometidas.

No primeiro dia em que esse procedimento foi utilizado, deixei claro que não estava dividindo a turma entre os que sabiam e os que não sabiam. As duas atividades transcorreram de forma muito tranquila. Repeti essas atividades diversas vezes, sem abandonar as atividades realizadas em conjunto, que, no geral, foram pequenos textos de temáticas variadas. No desenvolvimento desse trabalho, tive a preocupação de apresentar a estrutura mínima de um texto: tema (o assunto), parágrafo e pontuação. Vejamos alguns deles:

Tema: Direitos do Cidadão

Todo cidadão tem direito à saúde, à educação, ao lazer, à moradia e ao transporte coletivo. Todos esses direitos estão assegurados na Constituição brasileira. Quando qualquer desses direitos for negado, o cidadão pode fazer reclamação na justiça e exigir que seus direitos sejam cumpridos. O acesso à justiça também é um direito assegurado a todo cidadão por lei. Existem as promotorias públicas de justiça estadual ou federal onde qualquer reclamação pode ser feita. Reclamar pelos direitos dos cidadãos é um ato de cidadania.

Esse foi um dos textos que mais provocou interesse nos alfabetizados, uma vez que muitos deles não tinham tanta certeza de que o acesso à saúde, à educação, à justiça, eram direitos assegurados a todo cidadão, conforme está assinalado no texto de trabalho. Além da leitura coletiva, foram realizados pequenos debates acerca desses direitos, sendo enfatizado o caráter reivindicatório do qual o cidadão deve se utilizar. Também foi ressaltado que a cobrança pelo atendimento dos direitos dos cidadãos é um ato de cidadania. Aproveitei o ensejo para explicar que a ação de votar não pode ser entendida como *a prática* da cidadania, como discursam a maioria dos políticos profissionais.

Tema: Dengue

No período das chuvas, é comum o aparecimento de doenças relacionadas ao represamento de águas. Uma dessas doenças é a dengue. A dengue é uma doença causada pela picada de um mosquito, o Aedes aegypti. Os sintomas mais frequentes são febre alta, dor de cabeça muito forte e dores musculares. Quando esses sintomas aparecerem, o doente deverá procurar atendimento médico o mais rápido possível. No caso de suspeitas, a pessoa não pode fazer uso da automedicação.

Esse tema foi discutido porque estávamos na época das chuvas. No dia em que esse texto foi apresentado, tive a preocupação de discutir com os alfabetizados a necessidade de não mantermos em nossas casas objetos que pudessem represar água. Disse ainda que a proliferação do mosquito causador da dengue deve-se, em grande medida, à falta de conscientização da população.

Tema: Coleta Seletiva de Lixo

As pessoas produzem grande quantidade de lixo. Nas grandes cidades, como São Paulo, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, o lixo tem deixado as autoridades públicas (prefeito e governadores) preocupadas quanto ao seu destino. Uma das medidas que pode ser adotada é a coleta seletiva do lixo. Coleta seletiva de lixo é a separação de todos os resíduos produzidos nas atividades domésticas, industriais e comerciais. Em geral, o lixo é separado em duas modalidades: orgânico e inorgânico. Exemplos: lixo orgânico – restos de comida; lixo inorgânico – vidro, embalagens de metal, pneu.

Durante as discussões suscitadas por esse tema, foram apresentados diversos exemplos. Aproveitando a ocasião, falei do projeto de coleta seletiva de lixo da Secretaria Municipal de Meio Ambiente da cidade de Uberlândia. A idéia inicial é estimular a separação dos resíduos domésticos em secos e molhados. Também não deixei de falar dos danos causados pela exposição

de lixo nas ruas e nos terrenos desabitados, bem como nos rios, ao meio ambiente e à vida das pessoas.

Tema: Desigualdade Social

A desigualdade social acontece numa sociedade em que poucas pessoas são muito ricas, e muitas pessoas são pobre. O Brasil é um dos países mais desiguais do mundo. No nosso país a riqueza é concentrada nas mãos de 5% da população. Para amenizar essa situação é necessário que haja a distribuição de renda.

Esse texto foi bastante explorado como tema gerador para outras questões: os conceitos de pobreza e riqueza; concentração de riquezas nas mãos de poucos brasileiros, sendo que a maior parcela da população é pobre; o que caracteriza uma pessoa pobre e uma pessoa rica; o fato de mais de cinquenta milhões de brasileiros viverem na miséria. Aproveitei as discussões para explicar o que é ser miserável no Brasil. A minha intenção ao propor esse texto foi levantar essas questões de maneira que os alfabetizandos pudessem entender, mesmo que de forma superficial, a desigualdade social no nosso país. Todos os exemplos para ilustrar as discussões foram tirados da nossa cidade. Comparei, especialmente, os tipos de moradia – pequenas mansões com as residências dos alfabetizandos, bem como a localização: bairros Seringueiras, São Jorge, Aurora, São Gabriel e bairros Jardim Karaíba e Jardim da Colina. Não pude deixar de esclarecer o que é distribuição de renda, buscando evidenciar como acontece a acumulação de capital.

Para trabalhar esses textos, e todos os outros produzidos para a alfabetização, utilizei a seguinte metodologia: primeiramente fazia a apresentação do tema seguida das explicações que justificaram a escolha de cada temática. Posteriormente, solicitava, dentre os alfabetizandos que já estavam adquirindo o domínio da leitura, que cada um lesse uma frase, até que todo o texto fosse lido. Depois, era feita uma leitura coletiva, durante a qual praticávamos a pronúncia das palavras que exigiam maiores esforços dos alfabetizandos. Essa leitura coletiva possibilitava que todos os alfabetizandos tomassem conhecimento das palavras. Após todo esse trabalho, era a vez dos alfabetizandos que ainda tinham muita dificuldade com a leitura.

O próximo passo foi trabalhar separadamente cada palavra. Isso aconteceu da seguinte maneira: separação silábica, destacando os “sons” que a constituíam; utilizando os mesmos “sons”, formávamos outras palavras, por exemplo: *negado* – *negar*, *negação*; *transporte* – *transportar*, *transportado*; *coletivo* – *coletividade*; *reclamar* – *reclamação*, *reclamado*, *pobre* – *pobreza*; *lixo* – *lixo*. Esse trabalho era muito bem aceito pelo fato de mostrar que muitas palavras podem ser escritas utilizando os mesmos “sons”. A terminologia “som” foi utilizada em muitos momentos, em especial nas primeiras semanas de alfabetização. Cada palavra que anunciava, eu solicitava que todos observassem quantas vezes se abria a boca para pronunciar determinada palavra. Era nessa ocasião que eu perguntava: “quantos sons saem da minha boca?” Utilizei-me desse procedimento no intuito de deixar os alfabetizandos à vontade para que pudessem superar o “medo” da dificuldade, e, em seu lugar, colocar a certeza de que somente a partir da prática é possível aprender. Passadas algumas semanas, em meados de dezembro, a terminologia “som” vinha acompanhada da palavra *sílabas*. Esse procedimento facilitou a aprendizagem de tal maneira que os próprios alfabetizandos, ao terem alguma dificuldade de escrever determinadas palavras que exigiam mais esforços, perguntavam se o primeiro “som” era escrito conforme haviam anotado no caderno. Outros diziam: “Professor, estou com dificuldade somente nesse ‘som’”.

Muitos procedimentos adotados durante o processo de alfabetização foram pensados a partir da sala de aula. Não foram poucas as vezes em que eu saía da sala com idéias para a aula seguinte.

Não obstante as idéias surgirem da prática, foram encontradas dificuldades em materializá-las no que tange à sua adequação à condição heterogênea da turma de alfabetizandos. Em duas situações semelhantes, uma parte da turma – a que estava mais adiantada na leitura – conseguiu acompanhar satisfatoriamente a atividade proposta. Em relação à outra parte, embora tenha demonstrado muito esforço, não foi possível desenvolver a atividade conforme estava planejado. Tratava-se da leitura de textos. Um deles era a poesia *A Caneta e a Enxada*.⁴ A intenção era que todos lessem, primeiramente de forma coletiva, e, depois, a leitura seria individual. Para os alfabetizandos que já estavam conseguindo ler poucas palavras, sugeri a leitura de apenas um verso.

Para além dessas dificuldades, e de outras que não cabem aqui ser relatadas, o medo apresentado por alguns alfabetizandos se constituiu em um pequeno obstáculo à aprendizagem. Estes, quando solicitados à participação, demonstravam “medo” em falar, muito em função do receio de “errar”. Tranquilizá-los, deixando-os à vontade, foi uma atitude constante por mim adotada. Mesmo assim, em vários momentos, negavam-se a verbalizar. Busquei entender esse medo nas próprias falas dos alfabetizandos. O direito à educação negado por décadas, e as experiências pelas quais eles passaram são partes constitutivas desse medo.

Alfabetizar jovens e adultos, possibilitando que tenham acesso ao “mundo” da leitura e da escrita, foi prazeroso. Igualmente prazeroso foi vê-los felizes ao transporem, ainda de maneira um pouco lenta, a linha do desconhecido para o que agora já se tornara não tão desconhecido. É verdade que outro “mundo” para eles se abria. Os olhos marejados de contentamento são exemplo da conquista da “liberdade”. A liberdade de não terem que depender de outrem para decodificar o que está escrito na placa que identifica a rua, apenas citando um simples exemplo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 23. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002, 165 p.
- _____. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1982. 96p.

⁴ A autoria é de Capitão Balduino e Teddy Vieira. A poesia foi cantada pela dupla sertaneja Zico e Zeca.